

ANDREIA MARGARIDA DE CASTRO NOBRE DUARTE

**DESENVOLVIMENTO IDENTITÁRIO E
SINTOMATOLOGIA PSICOLÓGICA EM
ADULTOS EMERGENTES: QUAL O PAPEL DO
CLIMA FAMILIAR E DO SOCIAL
CONNECTEDNESS?**

Orientadora: Professora Ana Nazaré Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2017

ANDREIA MARGARIDA DE CASTRO NOBRE DUARTE

**DESENVOLVIMENTO IDENTITÁRIO E
SINTOMATOLOGIA PSICOLÓGICA EM
ADULTOS EMERGENTES: QUAL O PAPEL DO
CLIMA FAMILIAR E DO SOCIAL
*CONNECTEDNESS?***

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 2 de março de 2017 perante o Júri nomeado pelo seguinte Despacho Reitoral nº 443/2016 com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal
Arguente: Professora Bárbara Nazaré
Orientador: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2017

Agradecimentos

Agradeço, em especial, à Professora Doutora Ana Prioste pela disponibilidade, paciência, simpatia, prontidão com que sempre me auxiliou em momentos de dúvidas e incertezas. Pelo rigor, competência, críticas, sugestões, que tornaram este trabalho possível de acontecer. Obrigada pela disponibilidade incansável, Professora!

Um muito obrigada aos meus pais, avós e irmãos por esta oportunidade que me proporcionaram em tirar este curso. Pelo carinho, paciência, apoio, compreensão e expectativa que colocaram em mim, fruto do acreditar e do bem-querer.

Um grande obrigado à minha bisavó e ao meu amigo Carlos, que já partiram mas que eu sei que onde se encontram, estão orgulhosos do meu percurso, e muito contentes por verem onde cheguei... até um dia. Obrigada!

Um grande agradecimento ao Rodolfo e à Paula pela sabedoria, entusiasmo, e humor com que sempre me transmitiram conteúdos essenciais à minha formação. Por sempre me fazerem acreditar que sou capaz e nunca me deixarem desistir.

À Serenela pela amiga que é pela força, entusiasmo e preocupação que mostra...és um ser inexplicável. Obrigada!

Agradeço à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia e Escola de Psicologia e Ciências da Vida, por me ter acolhido e formado ao longo de 5 anos, aos professores que transmitiram os seus conhecimentos um muito obrigada!

A todos muito obrigada, pelo contributo que deram à minha formação, que no fundo traduz o resultado deste longo e árduo percurso.

Resumo

O clima familiar, os processos de desenvolvimento identitário e o *social connectedness* podem influenciar o desenvolvimento de psicopatologia, em diferentes etapas do ciclo de vida. Com recurso a um desenho quantitativo transversal e a uma amostra de 295 adultos emergentes, o presente estudo pretende analisar se os processos de desenvolvimento identitário são preditores da sintomatologia psicológica e qual o papel mediador do clima familiar e do *social connectedness* na relação entre os processos de desenvolvimento identitário e a sintomatologia psicológica. Os resultados dos modelos de equações estruturais mostram que: os processos de desenvolvimento identitário predizem a sintomatologia psicológica; e o clima familiar e o *social connectedness* são mediadores da relação entre a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento identitário. Os resultados sugerem que a percepção positiva do clima familiar e o sentimento de proximidade interpessoal podem constituir-se como mecanismos de confirmação em relação aos estilos de vida e opções explorados e escolhidos pelos adultos emergentes, contribuindo para o seu bem-estar psicológico. Este estudo tem implicações para a literatura relacionada com adultos emergentes, psicopatologia, família e identidade, ao relevar o impacto de variáveis individuais (processos de desenvolvimento identitários) e relacionais (*social connectedness* e clima familiar) no desenvolvimento de psicopatologia, nesta etapa do ciclo de vida.

Palavras-chave: clima familiar; desenvolvimento identitário; adultos emergentes; sintomatologia psicológica; *social connectedness*.

Abstract

The literature suggested that family environment, processes of identity development and social connectedness can play a role in the development of psychopathology across life cycles. The current study aimed at analyzing whether processes of identity development predict psychological symptomatology and the role of family environment and social connectedness as mediators of the relationship between processes of identity development and psychological symptomatology. The results of structural equation models showed that processes of identity development predict psychological symptomatology; and family environment and social connectedness mediate the relationship between processes of identity development and psychological symptomatology. The results suggested that the positive perception of the family environment and the sense of connectedness with social world can act as validators of the emerging adults' life styles, options and life decisions, contributing to their well-being. Our data highlighted the impact of individual (identity) and relational (family environment and social connectedness) variables in the development of psychopathology in emerging adulthood. Thus, the present study has implications for clinical practice and the literature in diverse fields, namely, emergent adulthood, psychopathology, family and identity.

Key-words: identity development; psychological symptomatology; *social connectedness*; family environment; emerging adults.

Índice Geral

Índice de Quadros.....	7
Índice de Figuras.....	8
Introdução.....	9
Processos de desenvolvimento da identidade e sintomatologia psicológica.....	11
Papel do <i>social connectedness</i> e do clima familiar.....	13
Método.....	16
Participantes.....	16
Procedimento de recolha da amostra.....	16
Medidas.....	17
Dados sociodemográficos.....	17
Processos de desenvolvimento da identidade.....	17
Sintomatologia Psicológica.....	18
Percepção da qualidade das relações familiares.....	18
<i>Social Connectedness</i>	19
Procedimento de análises de dados.....	20
Resultados.....	21
Estatística descritiva e análise das correlações.....	21
Papel mediador da percepção da qualidade do clima familiar e o <i>social connectedness</i>	23
Discussão dos resultados.....	25
Implicações para a literatura e prática.....	28
Limitações e Estudos Futuros.....	29
Referências.....	31
ANEXOS.....	I
Anexo I- Consentimento Informado.....	II
Anexo II - Questionário de dados Sociodemográficos	IV
Anexo III - Escala de Desenvolvimento Identitário (DIDS).....	VI
Anexo IV- Inventário de Sintomatologia Psicológica.....	VIII
Anexo V- Escala de <i>Social Connectedness</i> -Revista (SCS -R).....	XII
Anexo VI- Inventário do Clima Familiar.....	XIV

Índice de Quadros

Quadro 1. Estatística descritiva e análise das correlações entre o conflito familiar, a coesão familiar, a sintomatologia psicologia (SP), o compromisso, a exploração em amplitude, a exploração ruminativa, a identificação com compromisso, a exploração em profundidade e o <i>social connectedness</i>	22
--	----

Índice de Figuras

Figura 1. Coeficientes estandardizados do modelo de mediação proposto, da relação entre os processos de desenvolvimento identitário, a percepção da qualidade do clima familiar, o <i>social connectedness</i> e a sintomatologia psicológica.....	24
---	----

Introdução

A adolescência e a transição para a idade adulta, enquanto etapas desenvolvimentais, têm sido associadas ao surgimento dos primeiros sintomas de perturbação da saúde mental (e.g., perturbações depressivas, psicóticas e esquizofrénicas) (Arria et al., 2009; Garlow et al., 2008; Kessler et al., 2005). O papel de variáveis individuais e relacionais (e.g., desenvolvimento da identidade, clima familiar e sentido de pertença e ligação ao mundo social) no desenvolvimento de psicopatologia nestas etapas tem sido objecto de estudo (Correia & Mota, 2016; Lasgaard et al., 2010). O desenvolvimento da identidade, enquanto tarefa desenvolvimental da adolescência e do início da idade adulta (Brandão, Saraiva, & Matos, 2012; Erikson, 1972), tem sido consistentemente associado à sintomatologia psicológica, ao funcionamento psicossocial (e.g., Luyckx, Schwartz, Goossens, Beyers, & Missoten, 2011; Luyckx, Klimstra, Duriez, Petegem, & Beyers, 2013) e às variáveis relacionais e familiares, nomeadamente, o clima familiar e as práticas parentais (Beyers & Goossens, 2008; Linares, 1996; Luyckx, Soenens, Vansteenkiste, Goossens, & Berzonsky, 2008; Matheis & Adams, 2004; Meeus, Iedema, & Vollebergh, 1999). Vários autores têm sugerido que a percepção positiva do clima familiar, caracterizada por níveis elevados de coesão familiar e níveis baixos de conflito familiar, esteja associada a processos adaptativos e funcionais de desenvolvimento da identidade e a níveis baixos de sintomatologia psicológica. O *social connectedness*¹, enquanto um sentimento interno de pertença e de ligação ao mundo social, tem sido também apontado como um factor promotor do ajustamento e do bem-estar em adultos emergentes (Rossi, Stratta, & Capanna, 2012). Apesar do número de estudos focados no desenvolvimento da identidade terem aumentado consideravelmente nas últimas décadas (Meeus, 2011), os mecanismos que explicam a relação entre os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia psicológica não estão suficientemente estudados (Luyckx et al., 2013). Deste modo, o presente estudo pretende analisar a relação entre os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia psicológica e o papel do

¹Dada a inexistência de uma tradução fidedigna, no presente estudo manter-se-á a expressão original que pretende designar um sentido de pertença e de proximidade com o mundo social (Lee & Robbins, 1995, 1998).

social connectedness e do clima familiar enquanto variáveis mediadoras desta relação, em adultos emergentes.

A pertinência deste estudo pode ser fundamentada por vários tópicos. A maioria dos estudos com adultos emergentes tem-se focado na associação entre a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento identitário (Luyckx et al., 2013). Todavia, a importância de compreender o impacto do desenvolvimento identitário na sintomatologia psicológica é reforçada por vários factores, nomeadamente pelo impacto das transformações económicas e sociais que ocorreram no século XX nas sociedades ocidentais. Vários autores (e.g., Arnett, 2000; Kroger, 2002; Sica, Luigia, Sestito, & Ragozini, 2014) consideram que o contexto macrossocial dos países do ocidente (factores sociais, económicos e culturais; globalização) tem impactado nas transformações cognitivas, comportamentais e relacionais, atrasando a maturação psicossocial e o processo de desenvolvimento identitário (Arslan, Ayranci, Unsal, & Arslantas, 2009). Para além disso, a ordenação das transições entre as várias etapas do ciclo de vida através de marcadores sociais claros (e.g., casamento) que conferiam previsibilidade e estabilidade foi substituída pela responsabilidade de construir um significado para a trajectória de vida individual (Brandão et al., 2012). Neste sentido, a etapa desenvolvimental de adultos emergentes tem sido caracterizada como um período de instabilidade, de possibilidades e de explorações identitárias (Arnett, 2000, 2006), relevando a importância do estudo do impacto do desenvolvimento identitário no bem-estar psicológico nesta etapa.

De facto, a literatura tem apontado o período de vida entre os 18 e os 30 anos como um pico de oportunidades para a exploração de projectos de vida em diferentes áreas da vida (Arnett, 2000; Brandão et al., 2012; Buhl & Lanz, 2007; Smetana, Campione-Barr, & Metzger, 2006), pelo que é esperado que os processos de exploração da identidade também atinjam o seu expoente máximo durante esta etapa (Luyckx et al., 2013). A maioria dos estudos centrados na identidade tem recorrido a amostras de estudantes universitários (e.g., Luyckx et al., 2011), sendo que a literatura tem apontado várias especificidades associadas à frequência universitária, nomeadamente, a experiência de factores stressores associados à exigência associada ao estudo (e.g., diversidade de métodos de ensino, avaliações) e à competitividade e pressão para o sucesso, o estabelecimento de novas relações interpessoais e a exploração das relações de amizade e relações amorosas/sexuais, a alteração dos hábitos alimentares e de sono, e

o estabelecimento de objectivos a médio-longo prazo e escolhas profissionais (Bayram & Bilgel, 2008; Seaward, 2002). Para além disso, o prolongamento dos estudos parece estar, igualmente, associado ao adiamento da saída de casa dos pais (Brandão et al., 2012) e da manutenção da dependência económica, o que se poderá repercutir no adiamento da exploração da identidade e trajectos desenvolvimentais. No sentido de superar esta lacuna, o presente estudo procurou integrar uma amostra diversificada de adultos emergentes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos.

A literatura aponta para que ausência ou escassez de medidas sociais de apoio à autonomia nos países mediterrânicos reforce os laços com a família, acentuando o seu papel como fonte principal de suporte para os seus membros (Brandão et al., 2012; Billari, 2004; Guerreiro & Abrantes, 2004; Petrogiannis, 2011). A análise dos dados do Eurostat (2009) e do Instituto Nacional de Estatística (2010)² aponta para que os adultos emergentes portugueses vivam o período de exploração e instabilidade dentro da família de origem, o que coloca um conjunto de desafios e de exigências ao adulto emergente, às relações familiares e à família enquanto sistema (Brandão et al., 2012). Tendo em conta a revisão de literatura realizada, não foram identificados estudos que relacionem os processos de identidade sugeridos por Luyckx e colaboradores (2008), o clima familiar e o *social connectedness*, pelo que o presente estudo poderá contribuir para o aprofundamento do conhecimento sobre a relação entre as variáveis no contexto português.

Processos de desenvolvimento da identidade e sintomatologia psicológica

A identidade tem sido definida em diferentes níveis (e.g., individual, relacional e colectiva), de acordo com o conteúdo e com os processos através dos quais é formada, mantida e transformada ao longo do tempo (Vignoles, Schwartz, & Luyckx, 2011). Pioneiro no desenvolvimento do conceito de formação da identidade, Erikson (1972) conceptualizou a identidade como uma representação inter e intrapessoal, baseada em crenças individuais, através da qual se direccionam as escolhas. Marcia (1966), ao validar empiricamente o trabalho de Erikson (1972) sobre identidade, identificou dois processos centrais na formação da identidade: compromisso (adesão a um conjunto de objectivos, valores e crenças) e exploração, i.e., o questionamento activo das

² Os dados relativamente a Portugal apontam para que: as mulheres saiam de casa, em média, aos 28.5 anos e os homens aos 29.5, sendo que a grande maioria sai para se casar; aumento da idade média do primeiro casamento (30.2 anos para os homens e 28.6 para as mulheres).

alternativas identitárias. Com base nestas duas dimensões, Marcia (1980) definiu quatro estatutos de identidade: (1) identidade realizada, caracterizada pelo estabelecimento de um compromisso após um período de exploração de alternativas; (2) difusão da identidade, caracterizada pela ausência de exploração de alternativas e de compromissos; (3) identidade fechada, descrita pela existência de compromissos e objectivos claros e firmes, sem um período de exploração prévia; (4) identidade moratória, descrita por um processo de exploração e pela dificuldade de tomada de decisão e de estabelecimento de compromisso. O modelo dos estatutos identitários de Marcia (1980) tem servido de base a um vasto corpo de estudos empíricos focados na relação entre os estatutos identitários e outras variáveis (Kroger & Marcia, 2011).

Considerando a necessidade de estudar os processos subjacentes ao compromisso e exploração (Côté & Levine, 1988; Grotevant, 1987), têm sido desenvolvidos modelos mais abrangentes e identificados vários processos mais específicos de exploração e compromisso. Luyckx e colaboradores (2008) distinguiram empiricamente cinco processos de identidade – exploração em amplitude, exploração em profundidade, exploração ruminativa, compromisso e identificação com o compromisso –, e agruparam os quatro processos em dois ciclos consecutivos de formação da identidade. O primeiro ciclo – formação do compromisso – centra-se nos processos através dos quais os indivíduos exploram diferentes alternativas da identidade (exploração em amplitude ou pró-ativa) e aderem a compromissos de identidade (compromisso, i.e., adesão a valores, objectivos e crenças). O segundo ciclo de identidade – avaliação do compromisso – foca os processos através dos quais os indivíduos reavaliam os seus compromissos de identidade (exploração em profundidade, i.e., avaliação e exploração dos compromissos actuais) e avalia o grau em que eles se identificam e se sentem seguros em relação aos seus compromissos (identificação com o compromisso, i.e., grau em que os compromissos se integram no seu sentido de *self*). A exploração ruminativa, enquanto um processo bloqueador do desenvolvimento identitário ou um processo não adaptativo, foi posteriormente adicionado ao modelo (Luyckx et al., 2008). Em indivíduos com níveis elevados de exploração ruminativa, a dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias leva-os a um questionamento contínuo em relação às mesmas questões e a sentimentos de incerteza e incompetência (Luyckx et al., 2011).

Os estudos baseados no modelo de Luyckx e colaboradores (2008) têm mostrado uma associação entre os processos de identidade e a sintomatologia psicológica. Os processos compromisso e identificação com o compromisso têm sido negativamente associados à sintomatologia depressiva (e.g., Luyckx et al., 2008). Em relação aos processos de exploração, a exploração ruminativa tem sido positivamente associada à sintomatologia depressiva.

Papel do *social connectedness* e do clima familiar

Para além do foco na relação entre os processos identitários e a sintomatologia psicológica, o presente estudo centrou-se na análise do papel do *social connectedness* e do clima familiar enquanto mediadoras da relação entre a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento identitários. O *social connectedness*, conceptualizado como um sentimento interno de pertença e de proximidade interpessoal com vários grupos (e.g., família, amigos, colegas), desenvolve-se ao longo do ciclo de vida (Lee, Draper, & Lee, 2001). O *social connectedness* pode ser descrito num *continuum*, oscilando entre um nível baixo e um nível elevado: os indivíduos com um nível baixo de *social connectedness* não são capazes de gerir as suas necessidades e sentimentos e tendem a evitar contactos sociais; ao invés, os indivíduos com um nível elevado de *social connectedness* sentem-se próximos dos outros e conseguem participar em atividades sociais, sendo-lhes fácil desenvolver um sentimento de identificação com os outros. Estas incapacidades traduzem-se, frequentemente, na ausência de um sentido de pertença, em isolamento, baixa auto-estima, depressão e ansiedade (Lee et al., 2001). No que concerne à relação entre o *social connectedness* e a sintomatologia psicológica, vários estudos têm suportado a ideia de que o *social connectedness* seja um factor protector do bem-estar, estando negativamente associada à sintomatologia psicológica (e.g., sintomatologia ansiosa e depressiva, comportamentos auto-destrutivos) (Rossi et al., 2012). No mesmo sentido, os resultados do estudo de Sica e colaboradores (2014) sugeriram que o *social connectedness* é uma variável mediadora da relação entre a depressão e auto-estima. De acordo com a revisão da literatura realizada, não foram encontrados estudos que relacionem o *social connectedness* e os processos de desenvolvimento identitário.

A família, enquanto estrutura do microssistema, ocupa uma posição central e privilegiada em todas as etapas do ciclo de vida, permitindo a primeira conexão indivíduo-sociedade (Bronfenbrenner, 1986; Prioste, Cruz, & Narciso, 2010; Walsh,

1985). Através da transmissão de valores e crenças, da partilha emocional e da participação em rotinas e rituais familiares, as relações familiares impactam nos processos de individualização/autonomização e socialização, ao longo do tempo (Linares, 1996). O clima familiar – operacionalizado neste trabalho através das dimensões conflito, apoio, hierarquia e coesão, (Teodoro, 2009) – tem sido descrito como uma variável poderosa influente nos trajetos desenvolvimentais (Moos, 1990; Moos & Moos, 1994; Pratta & Santos, 2007; Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2015; Stocker, 2007), estando associada ao bem-estar e funcionamento individual na vida adulta (e.g., Moon & Rao, 2010). Vários estudos têm mostrado que o clima familiar caracterizado por níveis baixos de coesão e elevada conflituosidade está associado positivamente à sintomatologia depressiva (Branje, Hale, Frijins, & Meeus, 2010; Jewell & Stark, 2003; Sheeber & Sorensen, 1998; Starr & Davila, 2008). Outros estudos têm também apontado para que as relações familiares sejam um preditor do desenvolvimento da identidade na adolescência. Por exemplo, o estudo de Matheis e Adams (2004), baseado no modelo sociocognitivo da identidade de Berzonsky (2010), focou-se na relação entre o clima familiar, as relações entre pais e filhos e os estilos identitários em estudantes universitários. Apesar de não se terem verificado correlações significativas entre os estilos identitários e as relações entre pais e filhos, este trabalho mostrou que a coesão familiar está positivamente associada ao desenvolvimento de um estilo identitário normativo (Matheis & Adams, 2004).

Vários autores têm apontado para que, nas famílias mediterrâneas, a transição para a vida adulta seja um processo lento e progressivo de reestruturação da relação com os pais, já que os adultos emergentes tendem a coabitar muito tempo com a família de origem por dificuldades na manutenção da independência e da segurança económica e outros factores. O facto de os jovens terem, em casa dos pais, espaços de liberdade e autonomia, permite-lhes a vivência de uma vida adulta *soft*, i.e., a iniciação no mercado de trabalho precário e instável com um apoio da família (Eurostat, 2009; Scabini, 2000). Por outro lado, actualmente os pais têm disponibilidade para apoiar os filhos por um período mais alargado de tempo, partilhando também com eles a incerteza e insegurança em relação ao futuro (Brandão et al., 2012). Deste modo, a “estabilidade profissional” dos pais proporciona a possibilidade dos filhos investirem mais na sua formação académica, profissional e no lazer, promovendo a permanência em casa da família por opção, mesmo quando já dispõem de rendimento próprio (Brandão et al., 2012; Pais,

2001). Contudo, a possibilidade de exploração e experimentação num contexto familiar seguro pode impactar negativamente no desenvolvimento da identidade, dificultando o sucesso do processo de autonomização e mantendo o “ninho cheio” (Brandão et al., 2012; Scabini, 2000; Scabini et al., 2006).

No geral, os adultos emergentes têm sido descritos na literatura como autocentrados, livres na exploração e nas escolhas e investidos na concretização dos seus objectivos e na compreensão do seu lugar no mundo (Arnett, 2006; Brandão et al., 2012). Estas características são acompanhadas com a emergência de estruturas cognitivas que lhes possibilitam uma compreensão e reflexão mais aprofundadas acerca de si próprios e a exploração da identidade, antes de se realizarem compromissos e escolhas mais definitivas (Brandão et al., 2012; Labouvie-Vief, 2006).

Com base na literatura revista, o presente estudo pretendeu analisar se os processos de desenvolvimento identitário predizem a sintomatologia psicológica e o papel mediador da percepção da qualidade do clima familiar e do *social connectedness* na relação entre os processos de desenvolvimento identitário e a sintomatologia psicológica. Considerando a relação entre os processos de identidade e a sintomatologia psicológica sugerida por vários estudos (e.g., Luyckx et al., 2011, 2013; Schwartz et al., 2009), espera-se que os processos de identidade sejam preditores da sintomatologia psicológica. Especificamente, espera-se que o processo de exploração ruminativa seja um preditor positivo da sintomatologia psicológica e que os processos de compromisso, identificação com compromisso, exploração em amplitude e em profundidade sejam preditores negativos da sintomatologia psicológica (Crocetti, Schwartz, Fermani, & Meeus, 2010; Luyckx et al., 2013; Rossi et al., 2012). Tendo em conta os resultados de estudos anteriores (e.g., Baumeister & Leary, 1995; Lee & Robbins, 1998, 2001, 2008; Matheis & Adams, 2004; Moss & Moss, 1994; Rossi et al., 2012; Teodoro, 2009; William, & Galliher, 2006), espera-se que o *social connectedness* e o clima familiar se associem aos processos de desenvolvimento identitário e à sintomatologia psicológica e que sejam mediadores da relação entre as duas variáveis. De uma forma mais específica, espera-se que os processos de desenvolvimento funcionais/adaptativos, caracterizados por níveis mais elevados de compromisso, identificação com o compromisso, exploração em amplitude e em profundidade e níveis mais baixos de exploração ruminativa, se associem a uma percepção mais positiva do clima familiar e, consequentemente, a níveis mais baixos de sintomatologia psicológica. Por outro lado,

espera-se que os processos de desenvolvimento funcionais/adaptativos, caracterizados por níveis mais elevados de compromisso, identificação com o compromisso, exploração em amplitude e em profundidade e níveis mais baixos de exploração ruminativa, se associem a níveis mais elevados de *social connectedness* e, consequentemente, a níveis mais baixos de sintomatologia psicológica.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 295 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 21.46$; $DP = 3.81$), maioritariamente do género feminino (72.8%) e a frequentar o ensino superior (56%). Quanto à ocupação, 72.2% da amostra é estudante, 19.2% é trabalhadora e 5% é estudante e trabalhadora. Relativamente à situação relacional, 45% não tem uma relação, 41.7% tem uma relação de namoro e 7.6% vivem em união de facto. Em relação à zona de residência, 55.3% da amostra reside na zona da Grande Lisboa, 19.9% na zona Centro e 10.6% na Madeira. No que concerne à religiosidade, 41.4% é crente praticante, 37.4% é crente não praticante e 21.2% é não crente.

Procedimento de recolha da amostra

A recolha de dados decorreu após a aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. A amostra foi seleccionada a partir de uma amostra mais alargada de 330 participantes. Foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão no presente estudo: (a) ter nacionalidade portuguesa; e (b) ter idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. Uma amostra de 295 participantes cumpriu estes critérios, tendo sido integrada neste estudo.

A amostra foi recolhida durante três meses (de Fevereiro a Abril de 2016), através de uma técnica de amostragem não probabilística. Através do método de “bola de neve”, 67.12% da amostra foi recolhida presencialmente, através de procedimentos informais em grupo (e.g., contexto de sala de aula em Instituições de Ensino Superior) ou individualmente (e.g., amigos e conhecidos); e a restante 32.88% foi recolhida *on-line* através da plataforma Google Docs. Os participantes colaboraram voluntariamente e sem qualquer remuneração, após a explicitação dos objetivos do estudo, da garantia da

confidencialidade e da possibilidade de desistência a qualquer momento, e a assinatura do consentimento informado (vide Anexo I).

A recolha da amostra presencial foi realizada na presença das investigadoras que mostraram disponibilidade para esclarecer dúvidas relacionadas com as questões e/ou vocabulário que surgissem. Relativamente à recolha *on-line*, o estudo foi divulgado através de redes sociais e de correio electrónico e os questionários foram respondidos através da plataforma Google Docs. Antes de os participantes responderem ao protocolo *on-line*, foram explicitados os objetivos do estudo, foi garantida a confidencialidade dos dados, clarificada a possibilidade de desistência e foram disponibilizados os contactos da investigadora responsável pelo estudo, caso surgisse alguma dúvida ou questão no decorrer da participação do estudo.

Os protocolos respondidos em papel foram introduzidos no SPSS Statistics 22 e os dados dos protocolos respondidos *on-line* foram exportados para uma base de dados de SPSS Statistics 22. Os dados foram integrados numa única base de dados, a partir da qual se analisaram os dados.

Medidas

Dados sociodemográficos. Os participantes responderam a um questionário de dados pessoais e sociodemográficos, que incluía questões como idade, género, nível de escolaridade, situação relacional, zona de residência e religiosidade.

Processos de desenvolvimento da identidade. Os processos de desenvolvimento da identidade (PDI) foram avaliados através da Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (Dimensions of Identity Development Scale, DIDS; versão original: K. Luyckx et al, 2008; tradução e adaptação para a população portuguesa: Prioste, Lugar, Paulino, & Jongenlenen, 2016). A DIDS é um instrumento de auto-relato que integra 25 itens, avaliados numa escala de *Likert* de cinco pontos, de 1 (“Discordo fortemente”) a 5 (“Concordo fortemente”). A DIDS avalia cinco dimensões: *Exploração em profundidade*, composta por cinco itens que avaliam os compromissos actuais (e.g., “Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.”); *Exploração em amplitude*, integra cinco itens que medem a exploração de várias alternativas prévias à adesão a compromissos (e.g., “Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim.”); *Compromisso*, inclui cinco itens que avaliam a adesão a compromissos (e.g., “Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro.”); *Identificação com o compromisso* constituída por cinco itens que avaliam o

grau de segurança e de identificação em relação aos compromissos assumidos (e.g., “Os meus planos para o futuro dão-me autoconfiança.”); e *Exploração ruminativa*, composta por cinco itens que avaliam a exploração progressiva de diversas alternativas e a não adesão a compromissos (e.g., “Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.”).

No estudo de validação da DIDS (Luyckx et al., 2008), com uma amostra de adultos emergentes, as dimensões da escala mostraram níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .79$ para a dimensão *Exploração em profundidade* e entre $\alpha = .86$ para as dimensões *Compromisso*, *Identificação com o compromisso* e *Exploração ruminativa*. No presente estudo, as dimensões *Exploração Ruminativa*, *Exploração em Amplitude*, *Compromisso* e *Identificação com o Compromisso* apresentaram valores aceitáveis de consistência interna, variando entre $\alpha = .77$ e $\alpha = .89$. A dimensão *Exploração em Profundidade* apresentou um valor de consistência interna inferior ($\alpha = .67$).

Sintomatologia Psicológica. A sintomatologia psicológica foi avaliada através do Inventário da Sintomatologia Psicológica (Brief Symptom Inventory, BSI; versão original: Derogatis, 1982; tradução e adaptação para a população portuguesa: M. C. Canavarro, 1999). O BSI é um instrumento de auto-relato composto por 53 itens. A tarefa do participante consiste em qualificar a intensidade em que foi afetado, durante a última semana, por um conjunto de sintomas, utilizando, para tal, uma escala de *Likert* de cinco pontos (0 “Nunca” a 4 “Muitíssimas vezes”). Este instrumento avalia nove dimensões – *Somatização*, *Obsessão-compulsão*, *Sensibilidade interpessoal*, *Depressão*, *Ansiedade*, *Hostilidade*, *Ansiedade fóbica*, *Ideação Paranóide* e *Psicoticismo* – e três índices globais que constituem avaliações sumárias de perturbação emocional: *Índice geral de sintomas*, *Índice de sintomas positivos* e *Total de sintomas positivos* (Canavarro, 1999). No presente estudo, a sintomatologia psicológica foi avaliada através do *Índice de sintomas positivos*, calculado através da média da intensidade de todos os sintomas que foram assinalados, i.e., através do somatório de todos os itens assinalados com frequência igual ou superior a 1 e da divisão pelo número total de sintomas positivos (Canavarro, 2007).

No estudo de validação do BSI (Canavarro, 1999), com uma amostra de 551 indivíduos, o instrumento revelou níveis de consistência interna adequados, variando entre $\alpha = .62$ para a dimensão *Psicoticismo* e $\alpha = .79$ para a dimensão *Somatização*. No

presente estudo, calculou-se o valor de alfa para a escala total, tendo o instrumento revelado um nível de consistência interna adequado ($\alpha = .97$).

Percepção da qualidade das relações familiares. A percepção da qualidade das relações familiares (PRF) foi avaliada através do Inventário do Clima Familiar (ICF; Teodoro, Land, & Allgayer, 2009; versão para investigação: Francisco, 2015). A ICF é um instrumento de auto-relato que integra 22 itens e avalia o clima familiar através de uma escala de *Likert* de cinco pontos, de 1 (“discordo completamente”) a 6 (“concordo completamente”). A ICF é composta por quatro dimensões: *Conflito*, que inclui 6 itens que avaliam a agressividade, a crítica e a conflituosidade relacional entre os membros da família (e.g., “As pessoas criticam-se umas às outras com frequência”); *Hierarquia*, que integra seis itens que avaliam a organização, o poder e o controlo intra-familiares (e.g., “É comum que algumas pessoas proíbam outras de fazer determinadas coisas sem explicar o porquê”); *Apoio*, que integra cinco itens que descrevem o suporte emocional e material na família (e.g., “Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas”); e *Coesão* que engloba cinco itens que avaliam o vínculo emocional entre os membros da família (e.g., “As pessoas sentem-se felizes quando toda a família esta reunida”). Tal como outros autores (e.g., Prioste et al., 2015, 2016), no presente estudo, a PRF foi avaliada a partir das dimensões *Conflito* e *Coesão*. Assim, considerou-se que a percepção negativa do clima familiar seria caracterizada por elevados níveis de conflitos e baixos níveis de coesão; por outro lado, a percepção positiva do clima familiar seria caracterizada por elevados níveis de coesão e níveis baixos de conflito.

No estudo de validação da ICF (Teodoro, Land, & Allgayer, 2009), com uma amostra de 276 participantes, as dimensões da escala mostraram níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .82$ para a dimensão *Conflito* e entre $\alpha = .72$ para a dimensão *Hierarquia*. No estudo presente, obtiveram-se valores de alfa de .88 e de .90 para as dimensões *Conflito* e *Coesão*, respetivamente.

***Social Connectedness*.** Foi utilizada a Escala de *Social Connectedness*-Revista (SCS-R; versão original: Lee, Draper, & Lee, 2001; tradução e adaptação para a população portuguesa: Francisco, Crespo, Dias, Malaquias, & Rocha, 2011) para avaliar as cognições interpessoais de proximidade dos participantes face ao mundo social, i.e., a proximidade interpessoal que o sujeito experiencia nas suas relações (Lee et al., 2001). A SCS-R é composta por 20 itens que são respondidos numa escala de *Likert* de 6

pontos (de 1 “Discordo totalmente” a 6 “Concordo totalmente”). A escala tem uma estrutura unifatorial e quanto maior a pontuação, maior o grau de *social connectedness*.

No estudo de validação de Lee e colaboradores (2001), a escala revelou um bom nível de consistência interna ($\alpha = .92$). No estudo de Francisco e colaboradores (2011), foram também encontrados valores adequados de consistência interna ($\alpha = .90$). No presente estudo, a escala revelou igualmente um nível bom de consistência interna ($\alpha = .93$).

Procedimento de análises de dados

Inicialmente, foi realizada a análise descritiva dos dados e estudadas as correlações entre as variáveis clima familiar, processos de desenvolvimento identitário, sintomatologia psicológica e *social connectedness*, através do *software Statistical Package for the Social Science 22* (SPSS). O modelo proposto foi testado através da Análise de Equações Estruturais (Structural Equation Modeling, SEM), usando o método da máxima verosimilhança, com recurso ao *software AMOS 22* (Arbuckle, 2012). O modelo proposto (Figura 1), que incluía quatro variáveis latentes, testou a percepção da qualidade do clima familiar e o *social connectedness* como variáveis mediadoras da relação entre os processos de desenvolvimento identitários e a sintomatologia psicológica. No sentido de simplificar o modelo e de reduzir o número de parâmetros a serem estimados, foram usadas parcelas de multi-item para especificar as variáveis latentes (Little et al., 2002). Para garantir a identificação estatística do modelo, a carga fatorial de uma das parcelas de cada variável latente foi constrangida a 1.00. A avaliação do ajustamento do modelo aos dados foi realizada com base na análise dos seguintes índices de ajustamento: qui-quadrado (χ^2), *comparative fit index* (CFI), *root-mean-square error of approximation* (RMSEA), *o goodness of fit index* (GFI) e *o adjusted goodness of fit index* (AGFI). De acordo com Garson (2012), valores de GFI, AGFI e CFI $\geq .90$, e valores de RMSEA ≤ 0.06 são indicativos de um bom ajustamento do modelo aos dados.

Resultados

Estatística descritiva e análise das correlações

A estatística descritiva e as correlações entre as variáveis encontram-se apresentadas no Quadro 1. Observou-se que o Conflito familiar se encontra associado: positivamente à Sintomatologia psicológica e à Exploração ruminativa; e negativamente à Coesão familiar, à Identificação com o compromisso e ao *Social connectedness*. Relativamente à Coesão familiar, encontram-se correlações negativas entre esta variável e a Sintomatologia psicológica e correlações positivas entre a Coesão familiar e o Compromisso, a Exploração em amplitude, a Identificação com o compromisso, a Exploração em profundidade e o *Social connectedness*. A Sintomatologia psicológica encontra-se associada negativamente ao *Social connectedness*, ao Compromisso e à Identificação com o compromisso; e positivamente à Exploração ruminativa. Em relação ao Compromisso, encontram-se correlações negativas com a Exploração ruminativa e correlações positivas com a Identificação com o compromisso, a Exploração em profundidade e o *Social connectedness*. A Exploração em amplitude encontra-se positivamente correlacionada com a Exploração ruminativa, a Identificação com o compromisso, a Exploração em profundidade e o *Social connectedness*. Em relação à Exploração ruminativa, verificou-se que esta variável está associada positivamente à Exploração em profundidade e negativamente à Identificação com o compromisso e ao *Social connectedness*. A Identificação com o compromisso encontra-se positivamente associada à Exploração em profundidade e ao *Social connectedness*. Por último, observou-se uma associação positiva entre a Exploração em profundidade e o *Social connectedness*.

Quadro 1. Estatística descritiva e análise das correlações entre o conflito familiar, a coesão familiar, a sintomatologia psicologia (SP), o compromisso, a exploração em amplitude, a exploração ruminativa, a identificação com compromisso, a exploração em profundidade e o *social connectedness* (N = 295).

Variável	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Conflito	-								
2. Coesão	-.40**	-							
3. SP	.54**	-.15*	-						
4. Compromisso	-.10	.12*	-.21**	-					
5. Exploração em amplitude	-.01	.23**	-.02	.08	-				
6. Exploração ruminativa	.27**	-.02	.36**	-.42**	.35**	-			
7. Identificação com o compromisso	-.17**	.24**	-.19**	.67**	.21**	-.23**	-		
8. Exploração em profundidade	.02	.30**	.09	.20**	.44**	.23**	.39**	-	
9. Social connectedness	-.44**	.52**	-.54**	.30**	.20**	-.22**	.32**	.15**	-
M	2.08	4.01	1.76	3.90	3.88	3.11	3.74	3.58	4.54
DP	.93	.86	.65	.70	.65	.82	.73	.63	.80

Nota: * $p < .05$; ** $p < .01$

Papel mediador da percepção da qualidade do clima familiar e o *social connectedness*

Inicialmente, foi analisada a variável processos de desenvolvimento da identidade (PDI) como preditora da sintomatologia psicológica. Os parâmetros estimados mostraram que os PDI estão significativa e negativamente associados à variável dependente ($\beta = -.21, p < .001$), mas os índices de ajustamento revelam que o modelo não é adequado aos dados: $\chi^2 (19, N = 295) = 220.68, p < .001$, CFI = .86, RMSEA = .18, GFI = .83, AGFI = .68.

Posteriormente, foi testada a hipótese de que o efeito do preditor na sintomatologia psicológica seria mediado pela percepção da qualidade do clima familiar e pelo *social connectedness* (Figura 1). A análise dos valores dos índices de modificação (IM) sugeriu modificações no modelo proposto, considerando-se que parâmetros com IM superiores a 11 eram indicadores de melhoria no ajustamento do modelo (Maroco, 2010). Deste modo, correlacionaram-se os erros de medida das seguintes parcelas multi-item: Eprofundidade (e5) e Eruminativa (e3); Eprofundidade (e5) e Eamplitude (e2); Eamplitude (e2) e Eruminativa (e3). Os índices de ajustamento do modelo reespecificado revelaram que o modelo conceptual proposto é adequado aos dados: $\chi^2 (54, N = 295) = 160.24, p < .001$, CFI = .96, RMSEA = .08, GFI = .93, AGFI = .88.

Os resultados indicam um efeito de mediação da percepção do clima familiar na relação entre a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento identitários, de acordo com o teste Sobel (Sobel = 2.69, $p < .005$). Os resultados apontam igualmente para que o *social connectedness* tenha um papel de mediador da relação entre a sintomatologia psicológica e os processos de desenvolvimento identitários, de acordo com o teste Sobel (Sobel = 5.10, $p < .001$).

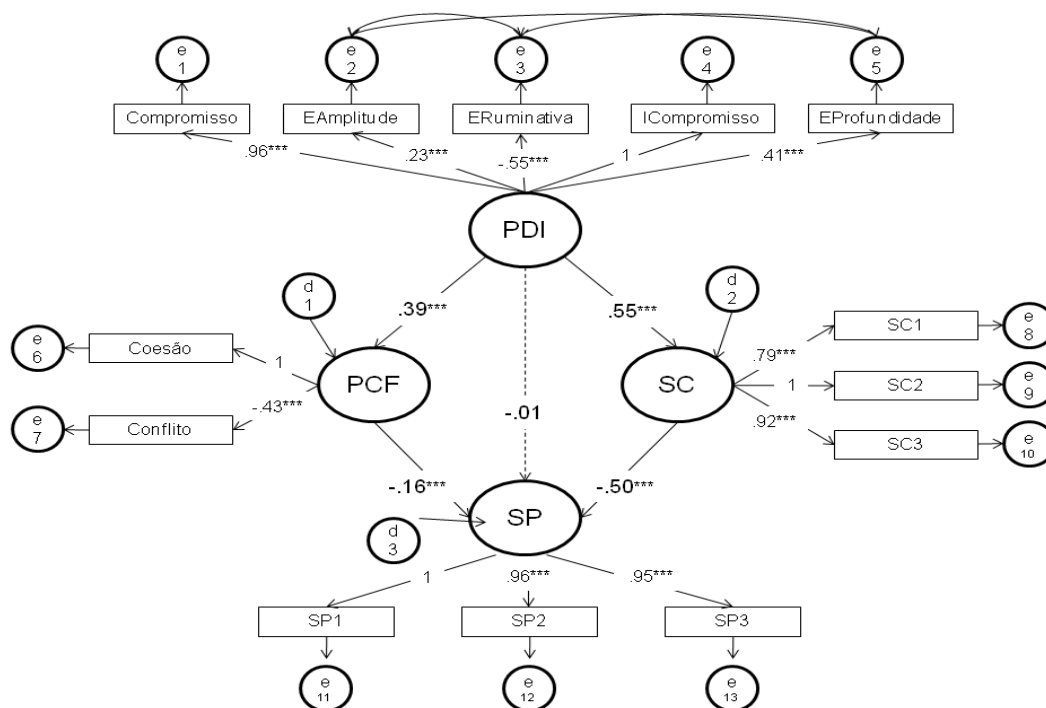


Figura 1. Coeficientes estandardizados do modelo de mediação proposto, da relação entre os processos de desenvolvimento identitário, a percepção da qualidade do clima familiar, o *social connectedness* e a sintomatologia psicológica.

Nota: PDI = *processos de desenvolvimento da identidade*; SC = *social connectedness*; PCF = *percepção da qualidade do clima familiar*; SP = *sintomatologia psicológica*; SC1-SC3 = parcelas relativas à escala SCS-R; SP1-SP3 = parcelas relativas à escala BSI. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Discussão dos resultados

O presente estudo pretendeu investigar se os processos de desenvolvimento identitário predizem a sintomatologia psicológica e o papel mediador do clima familiar e do *social connectedness* na relação entre os processos de desenvolvimento identitário e a sintomatologia psicológica, em adultos emergentes portugueses. Deste modo, procurou contribuir-se para o enriquecimento e para a expansão do conhecimento científico sobre o impacto de variáveis individuais e relacionais no desenvolvimento de psicopatologia no decorrer deste período desenvolvimental. Para além disso, pretendeu-se colmatar algumas das lacunas identificadas na literatura (Luyckx et al., 2008; Meeus, 2011), nomeadamente, a inexistência de estudos que relacionam os processos de desenvolvimento da identidade, a sintomatologia psicológica, o *social connectedness* e a percepção da qualidade clima familiar em adultos emergentes e o uso maioritário de amostras de estudantes universitários.

Os resultados suportam a primeira hipótese, apontando para que os processos de desenvolvimento identitário sejam preditores da sintomatologia psicológica. Apoiam, assim, a ideia de que os adultos emergentes que se comprometem com as várias decisões, após a exploração de diversas alternativas (formação dos compromissos), e que se sentem seguros em relação aos compromissos assumidos (avaliação dos compromissos) têm níveis menos intensos de sintomatologia psicológica. Ao invés, os adultos emergentes que exploram progressiva e constantemente várias alternativas e não aderem a compromissos em relação a estilos e opções de vida tendem a apresentar níveis mais intensos de sintomatologia psicológica. A associação encontrada entre a exploração ruminativa e a sintomatologia psicológica corrobora os resultados de estudos anteriores que apontam para uma associação positiva entre a exploração ruminativa e a sintomatologia depressiva (e.g., Crocetti et al., 2008; Crocetti, Schwartz, Fermani, & Meeus, 2010; Luyckx, Schwartz, Goossens, Beyers, & Missotten, 2011; Luyckx et al., 2013). Para além disso, os resultados do presente estudo vão ao encontro dos estudos que encontraram correlações negativas entre a exploração ruminativa e o compromisso e entre a exploração ruminativa e a identificação com o compromisso (Luyckx et al., 2008; Luyckx, Klimstra, Duriez, Van Petegem, & Beyers, 2013), apontando a exploração ruminativa como um factor de risco para o desenvolvimento de uma identidade funcional e adaptativa (Beyers & Luyckx, 2015). Neste sentido, a preocupação em relação às suas escolhas e à adesão a compromissos, a dificuldade em

encontrar respostas para as inquietações pessoais, em cessar o auto-questionamento e em tomar decisões (Luyckx et al., 2008) poderão conduzir os adultos emergentes para uma trajectória disfuncional de desenvolvimento da identidade, o que poderá contribuir para o desenvolvimento de psicopatologia.

Por outro lado, as correlações positivas entre a exploração ruminativa, a exploração em amplitude e a exploração em profundidade realçam a importância do auto-questionamento nos dois ciclos de formação da identidade propostos por Luyckx e colaboradores (2008). Os *inputs* que ocorrem nos processos de exploração parecem contribuir para a avaliação dos projectos actuais e consideração de opções de vida alternativas. Neste sentido, mais do que apoiar a ideia de que a exploração ruminativa é um factor de risco para a trajectória desenvolvimental de adultos emergentes, os dados mostram que os processos de exploração se sustentam reciprocamente, deixando em aberto a hipótese de que a exploração ruminativa possa assumir um papel moderador no desenvolvimento identitário.

A segunda hipótese, referente ao papel mediador da percepção da qualidade do clima familiar na relação entre os processos de desenvolvimento identitário e a sintomatologia psicológica, foi apoiada pelos resultados. Os resultados apontam para que os adultos emergentes que se comprometem com opções e estilos de vida, após a exploração de várias alternativas, e que se identificam com as escolhas assumidas, enquanto as exploram mais profundamente, percepcionem as suas famílias como mais unidas e menos conflituosas e apresentem menos sintomatologia psicológica. Os resultados sugerem que a percepção da qualidade do clima familiar é reativa à formação e avaliação dos compromissos e à exploração ruminativa de estilos e opções de vida, nesta etapa do ciclo de vida. Desta forma, poder-se-á hipotetizar que, de acordo com a percepção dos adultos emergentes, a família exerce um papel de validação ou de rejeição em relação aos projectos de vida e à forma como os jovens os exploram e aderem a eles, influenciando o seu bem-estar psicológico. Se perspectivarmos a transição para a idade adulta como uma etapa de *interdependência*, na qual coexistem a autonomia e a dependência aos pais, o medo e a preocupação de não corresponder às expectativas parentais (e.g., Arnett, 2006; Scabini, 2000) poderá contribuir para o aumento da percepção da conflituosidade familiar. E, tal como vários autores (e.g., Canavarro, 1999; Galea, 2010) referem, a presença de conflitos familiares pode afectar o desenvolvimento psicossocial dos adultos emergentes, associando-se ao

desenvolvimento de psicopatologia, nomeadamente de sintomatologia depressiva e comportamentos agressivos.

A hipótese referente ao papel mediador do *social connectedness* na relação entre os processos de desenvolvimento identitário e a sintomatologia psicológica foi também suportada pelos resultados. Os resultados mostram que os adultos emergentes que se comprometem com estilos de vida após a exploração de várias alternativas, e que se identificam com eles, continuando a explorá-los, experienciam as suas relações interpessoais como próximas e, conseqüentemente, apresentam menos sintomatologia psicológica. À semelhança da leitura proposta em relação ao papel do clima familiar, estes resultados sugerem que a experiencição de relações próximas com outros pode ser reactiva à formação e avaliação dos compromissos e à exploração ruminativa de estilos de vida. Por outro lado, o sentimento de proximidade interpessoal pode assumir também um papel confirmador em relação às escolhas assumidas ou exploradas, contribuindo para o bem-estar psicológico de adultos emergentes. Estes resultados suportam a ideia de que a incapacidade ou indisponibilidade para formar e avaliar compromissos identitários (indefinição e ruminação) se associe à indisponibilidade ou incapacidade relacional e social e, conseqüentemente, ao aumento da intensidade da sintomatologia psicológica. Neste sentido, os resultados obtidos neste estudo sugerem que os adultos emergentes que não se conseguem identificar com projectos ou opções de vida, mantendo dúvidas e incapacidade de compromisso, não se conseguem sentir sintonizados e envolvidos com os outros.

Apesar de não existirem estudos que relacionem os processos de desenvolvimento identitário e o *social connectedness*, os resultados vão ao encontro de conclusões de estudos anteriores que apontam para que a competência para organizar as necessidades próprias e a capacidade para aderir a compromissos se relacionem positivamente com a disponibilidade para pertencer a grupos sociais (Lee & Robbins, 1998). Para além disso, os resultados deste estudo corroboram a ideia de que o distanciamento e desligamento dos outros e do mundo social e a incapacidade de identificação com um grupo estão associados ao desenvolvimento de psicopatologia (Baumeister & Leary, 1995; Lee & Robbins, 1998, 2001, 2008; William & Galliher, 2006).

Apesar de no modelo proposto não ter sido analisada a relação entre o *social connectedness* e a percepção do clima familiar, esta relação foi estudada na análise de

correlações. Os resultados obtidos apoiam a literatura existente (e.g., Lee & Robbins, 1995) e podem ser interpretados tendo em conta a Teoria da Vinculação (Bowlby, 1988), considerando que as relações estabelecidas com os pais ou com as figuras de vinculação funcionam como modelos para as relações estabelecidas posteriormente, condicionando as experiências emocionais e a autonomia na idade adulta (Koepke & Denissen, 2012). Neste sentido, Lee e Robbins (1995) referem que as pessoas que experimentam abandono, rejeição e isolamento, ao longo do seu desenvolvimento, tendem a ter níveis baixos de *social connectedness* na idade adulta. A literatura tem mostrado que as pessoas que experienciam um clima familiar harmonioso e unido tendem a estabelecer relacionamentos significativos e próximos com mais facilidade. Ao invés, as pessoas que vivenciam um ambiente familiar marcado por conflituosidade, zanga e distanciamento interpessoal tendem a manifestar dificuldades no estabelecimento na manutenção de relacionamentos (Beyers & Seiffge-Krenke, 2007; Kalavana et al., 2010).

Implicações para a literatura e prática

Este estudo tem implicações para a literatura relacionada com adultos emergentes e psicopatologia, tendo em consideração a importância do impacto de variáveis individuais (processos de desenvolvimento identitários) e relacionais (*social connectedness* e clima familiar) no desenvolvimento de psicopatologia nesta etapa do ciclo de vida.

Para além disso, os resultados do estudo têm implicações para a literatura na área da identidade. Por um lado, o estudo realça a importância da identidade ser estudada de forma multidimensional (Detry, 2001), i.e., tendo em conta os factores inter e intrapessoais que influenciam o seu desenvolvimento e que são influenciados por ele (Neuenschwander, 2002). Por outro, este trabalho poderá ter um contributo no mapeamento da relação entre os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia psicológica em adultos emergentes, através do estudo do papel do clima familiar e o *social connectedness* enquanto mediadores.

Para além disso, os dados apontam para que os três processos de exploração se sustentem positiva e reciprocamente, apoiando a ideia de que a exploração ruminativa possa ter um papel facilitador no desenvolvimento de processos de exploração em amplitude e em profundidade. Por outro lado, os resultados sugerem que elevados níveis

de exploração ruminativa podem constituir-se como um factor de risco para o desenvolvimento de uma trajectória desenvolvimental adaptativa.

Em continuidade com a adolescência, os resultados apontam para que a transição para a idade adulta seja uma etapa de *interindependência*, na qual os projectos e opções pessoais são confrontados com as relações familiares e sociais (e.g., Arnett, 2006; Scabini, 2000). Os resultados obtidos, ao mostrarem que a percepção da qualidade do clima familiar é mediadora da relação entre os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia psicológica, têm implicações para a literatura em psicologia da família, pois realçam a importância da qualidade das relações familiares no desenvolvimento psicossocial e no bem-estar dos adultos emergentes (Castilho, 2007; Scabini, 2000). Neste sentido, as conclusões deste trabalho podem, potencialmente, contribuir para o desenho de linhas orientadoras no desenvolvimento e implementação de intervenções individuais e/ou familiares específicas para promover o bem-estar e prevenir a psicopatologia em adultos emergentes e em famílias com adultos emergentes.

Limitações e Estudos Futuros

Embora este estudo possa contribuir para o conhecimento científico sobre o impacto de variáveis individuais e relacionais no desenvolvimento de psicopatologia em adultos emergentes, apresenta várias lacunas, nomeadamente, o facto de a amostra utilizada ser de conveniência, tendo sido seleccionada através de uma estratégia de amostragem não-probabilística, não permitindo a generalização dos resultados à população portuguesa. Para além disso, a amostra é discrepante em relação à distribuição por género e é maioritariamente constituída por estudantes universitários. Em relação aos instrumentos, pelo facto de serem instrumentos de auto-relato, levantam-se questões em relação aos enviesamentos pela desiderabilidade social. O facto de o estudo ter um desenho transversal, não possibilita o estabelecimento de relações de causalidade entre as variáveis.

No sentido de colmatar estas lacunas, seria importante analisar os resultados obtidos em estudos com uma amostra de adultos emergentes mais heterogénea, com desenhos metodológicos mais complexos, nomeadamente, em estudos longitudinais e mistos. Para além disso, os estudos futuros poderão incluir outras variáveis (e.g., estratégias de *coping*), no sentido de melhorar o ajustamento do modelo. Tendo em conta as lacunas identificadas na literatura, seria interessante estudar os mecanismos

subjacentes aos processos adaptativos e funcionais de identidade noutras etapas desenvolvimentais, nomeadamente na adolescência (Luyckx et al., 2013). Considerando o impacto da globalização no aumento da diversidade de opções de vida, seria importante perceber qual o impacto da diversidade e do número de opções de vida nos processos identitários e no bem-estar e clarificar a relação entre o tipo de opções/estilos de vida e os processos de desenvolvimento identitário, no sentido de delinear estratégias para quebrar ciclos de ruminação.

Referências

- Arbuckle, J. L. (2012). *Amos 21.0 User's guide*. Chicago: SPSS, IBM.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 468–480. doi:10.1037//0003-066X.55.5.469
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9, 111-123. doi:10.1080/13676260500523671
- Arria, A., O'Grady, K., Caldeira, K., Vincent, K., Wilcox, H., & Wish, E. (2009). Suicide ideation among college students: A multivariate analysis. *Archives of Suicide Research*, 13, 230-246. doi:10.1080/13811110903044351
- Arslan, G., Ayranci, U., Unsal, A., & Arslantas, D. (2009). Prevalence of depression, its correlates among students, and its effect on health-related quality of life in a Turkish university. *Upsala Journal of Medical Sciences*, 114, 170-177. doi:10.1080/03009730903174339
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529. doi:10.1037/0033-2909.117.3.497
- Berzonsky, M. D. (2010). Cognitive processes and identity formation: The mediating role of identity processing style. *Psychologia Rozwojowa*, 4, 13-27.
- Beyers, W., & Seiffge-Krenke, L. (2007). Are friends and romantic partners the “best medicine?” How the quality of other close relations mediates the impact of changing family relationships on adjustment. *International Journal of Behavioral Development*, 31, 559-568.
- Beyers, W., & Luyckx, K. (2015). Ruminative exploration and reconsideration of commitment as risk factors for suboptimal identity development in adolescence and emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 47, 169-78. doi:10.1016/j.adolescence.2015.10.018
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30, 301-313. doi: 10.14417/ap.568
- Branje, S. J. T., Hale, W. W., Frijns, T., & Meeus, W. H. J. (2010). Longitudinal associations between perceived parent-child relationship quality and depressive

- symptoms in adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 38, 751–763.
doi:10.1007/s10802-010-9401
- Bayram, N., & Bilgel, N. (2008). The prevalence and socio-demographic correlations of depression, anxiety and stress among a group of university students. *Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology*, 43, 667-672. doi:10.1007/s00127-008-0345-x
- Billari, F. C. (2004). Becoming an adult in Europe: A macro (/micro)-demographic perspective. *Demographic Research*, 3, 14-43.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development*. London: Basic Books.
- Buhl, H. M., & Lanz, M. (2007). Emerging adulthood in Europe: Common traits and variability across five European countries. *Journal of Adolescent Research*, 22(5), 439-443.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos-BSI. In Mário R. Simões, M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol.2, pp. 1-27). Braga: APPOINT/SHO.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos: Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. Simões, C. Machado, M. Gonçalves, & L. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população Portuguesa* (vol. III, pp. 305-331). Coimbra: Quarteto Editora.
- Castillo, M. (2007). Los padres y los hijos: variables de riesgo. *Educación y Educadores*, 10, 27-37.
- Correia, F., M., & Pinheiro, C. (2016). Ambiente familiar e qualidade da vinculação amorosa – Papel mediador da individuação em jovens adultos. *Análise Psicológica*, 1, 15-29. doi:10.14417/ap.1018
- Côté, J. E., & Levine, C. (1988). A critical examination of the ego identity status paradigm. *Developmental Review*, 8, 147–184.
- Crocetti, E., Rubini, M., & Meeus, W. (2008). Capturing the dynamics of identity formation in various ethnic groups: Development and validation of a three dimensional model. *Journal of Adolescence*, 31, 207-222. doi:10.1016/j.adolescence.2007.09.002

- Crocetti, E., Schwartz, S., Fermani, A., & Meeus, W. (2010). The Utrecht management of identity commitments scale (U-MICS): Italian validation and cross-national comparisons. *European Journal of Psychological Assessment*, 26, 169-183. doi:10.1027/1015-5759/a000024
- Derogatis, L. R. (1982). *BSI: Brief Symptom Inventory*. Minneapolis: National Computers Systems.
- Detry, B. (2001). A formação da identidade na Adolescência. In B. Detry & F. Simas (Eds.), *Educação, Cognição e Desenvolvimento. Textos de Psicologia. Educacional para a Formação de Professores* (pp. 219-240). Lisboa: Edinova.
- Erikson, E. H. (1972). *Identity: Youth and crisis*. New York: Norton.
- Eurostat (2009). *Youth in Europe: A statistical portrait*. Luxembourg: Publications Office of the European Union.
- Francisco, R. (2015). *Inventário de Clima Familiar: Versão Portuguesa* (versão para investigação). Universidade Católica Portuguesa.
- Francisco, R., Crespo, C., Dias, E., Malaquias, A. S. & Rocha, I. (2011). *Versão portuguesa do SCS-R (versão para investigação)*. Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Galea, M. (2010). Does child maltreatment mediate family environment and psychological well-being? *Psychology*, 1, 143-150. doi:10.4236/psych.2010.12019
- Garson, G. D. (2012). *Structural Equation Modeling*. Asheboro, NC: Statistical.
- Garlow, S., Rosenberg, J., Moore, D., Haas, A., Koestner, B., Hendin, H., et al., (2008). Depression, desperation, and suicidal ideation in college students: Results from the American foundation for suicide prevention college screening project at Emory University. *Depression and Anxiety*, 25, 482-488. doi:10.1002/da.20321
- Grotevant, H. D. (1997). Family processes, identity development, and behavioral outcomes for adopted adolescents. *Journal of Adolescent Research*, 12, 139-161.
- Guerreiro, M. D., & Abrantes, P. (2004). Moving into adulthood in a southern European country: Transitions in Portugal. *Portuguese Journal of Social Science*, 3, 191-209.
- Instituto Nacional de Estatística (2010). *Homens e mulheres em Portugal*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, IP.

- Jewell, J. D., & Stark, K. D. (2003). Comparing the family environments of adolescents with conduct disorder or depression. *Journal of Child and Family Studies*, 12, 77–89.
- Kalavana, T., Maes, S., & De Gucht, V. (2010). Interpersonal and self-regulation determinants of healthy and unhealthy eating behavior in adolescents. *Journal of Health Psychology*, 15, 44-52.
- Kessler, R. C., Berglund, P., Demler, O., Jin, R., Merikangas, K. R., & Walters, E. E. (2005). Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of DSM-IV disorders in the national comorbidity survey replication. *Archives of General Psychiatry*, 62, 593–602.
- Koepke, S., & Denissen, J. J. (2012). Dynamics of identity development and separation individuation in parent-child relationships during adolescence and emerging adulthood: A conceptual integration. *Developmental Review*, 32, 67–88.
- Kroger, J. (2002). Introduction: Identity development through adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 2, 1-5. doi:10.1207/S1532706XID0201_01
- Kroger, J., & Marcia, J. E. (2011). The identity statuses: Origins, meanings, and interpretations. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 31–54). New York: Springer.
- Labouvie-Vief, G. (2006). Emerging structures of adult thought. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century*, 59-84. Washington, DC: American Psychological Association.
- Lasgaard, M., Goossens, L., & Elklit, A. (2010). Loneliness, depressive symptomatology, and suicide ideation in adolescence: Cross-sectional and longitudinal analyses. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 137-150. doi:10.1007/s10802-010-9442-x
- Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1995). Measuring belongingness: the social connectedness and the social assurance scales. *Journal of Counseling Psychology*, 42, 232-41.
- Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1998). The relationship between social connectedness and anxiety, self-esteem, and social identity. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 338-345.

- Lee, R. M., Draper, M., & Lee, S. (2001). Social connectedness, dysfunctional interpersonal behaviors, and psychological distress: Testing a mediator model. *Journal of Counseling Psychology, 48*, 310-318. doi:10.1037//00220167.48.3.310
- Lee, R. M., Dean, B. L., & Jung, K. R. (2008). Social connectedness, extraversion, and subjective well-being: testing a mediation model. *Personality and Individual Differences, 45*, 414-419.
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y narrativa – La terapia familiar en la práctica clínica*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Little, T. D., Cunningham, W. A., Shahar, G., & Widaman, K. F. (2002). To parcel or not to parcel: Exploring the question and weighing the merits. *Structural Equation Modeling, 9*, 151–173.
- Luyck, K., Schwartz, S. J., Berzonsky, M. D., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Smits, I., & Goossens, L. (2008). Capturing ruminative exploration: Extending the four-dimensional model of identity formation in late adolescence. *Journal of Research in Personality, 42*, 58-82. doi:10.1016/j.jrp.2007.04.004
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). Processes of personal identity formation and evaluation. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles. (Coords.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 77–98). New York: Springer.
- Luyckx, K., Klimstra, T., Duriez, B., Petegem, S., & Beyers, W. (2013). Personal identity processes from adolescence through the late 20s: Age trends, functionality, and depressive Symptoms. *Social Development, 22*, 707-721. doi:10.1111/sode.12027
- Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego-identity status. *Journal of Personality and Social Psychology, 3*, 551-558.
- Marcia, J. E. (1980). Identity in adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 159-186). New York: Wiley.
- Maroco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações*. Lisboa, Portugal: ReportNumber.
- Matheis, S., & Adams, G. (2004). Family climate and identity style during late adolescence. *Identity: An International Journal of Theory and Research, 4*, 77-95.

- Meeus, W., Helsen, M., Iedema, J., & Vollebergh, W. (1999). Patterns of adolescent identity development: Review of literature and longitudinal analysis. *Developmental Review, 19*, 461-480.
- Meeus, W. (2011). The study of adolescent identity formation 2000-2010. A review of longitudinal and narrative research. *Journal of Research on Adolescence, 21*, 75-94. doi: 10.1111/j.1532-7795.2010.00716.x
- Moon, S. S., & Rao, M. (2010). Youth-family, youth-school relationship, and depression. *Child Adolescent Social Work Journal, 27*, 115–131. doi:10.1007/s10560-010-0194-9
- Moos B. S., & Moos R.H. (1994). *Family Environment Scale Manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press.
- Moos, R. H. (1990). Conceptual and empirical approaches to developing family-based assessment procedures: Resolving the case of the Family Environment Scale. *Family Process, 29*, 199-208. doi:10.1111/j.1545- 5300.1990.00199
- Neuenschwander, M. (2002). *Desenvolvimento e Identidade na Adolescência*. Coimbra: Almedina.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, tachos e biscates*. Porto: Ambar.
- Petrogiannis, K. (2011). Conceptions of the transition to adulthood in a sample of Greek higher education students. *International Journal of Psychology and Psychological Therapy, 11*, 121-137.
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo, 12*, 247-256.
- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. (2015). Family relationships and parenting practices: A pathway to adolescents' values? *Journal of Child and Family Studies, 24*, 3258-3267.
- Prioste, A., Narciso, I., & Cruz, D. (2010). Circularidade relacional: Padrões de funcionalidade familiar percebidos e o ajustamento psicológico em adolescentes. *Psychologica, 52*, 447-467.
- Rossi, A., Stratta, P., & Capanna, C. (2012). Social connectedness and psychopathology. *Journal of Psychopathology, 18*, 305-308.
- Scabini, E. (2000). Parent-child relationships in Italian families: Connectedness and autonomy in the transition to adulthood. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16*, 23-30.

- Scabini, E., Marta, E., & Lanz, M. (2006). *The transition to adulthood and family relations: An intergenerational perspective*. London: Psychology Press.
- Seaward, B. L. (2002). *Managing Stress: Principles and Strategies for Health and WellBeing* (3rd Ed.). Boston: Jones and Bartlett
- Sica, L. S., Sestito, L. A., & Ragozini, G. (2014). Identity coping in the first years of university: Identity diffusion, adjustment and identity distress. *Journal of Adult Development*, 22, 159-172. doi:10.1007/s10804-014-9188-8
- Silveira, P. G., & Wagner, A. (2006). Ninho cheio: a permanência do adulto jovem em sua família de origem. *Estudos de Psicologia*, 23 (4), 441-453.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Wang, W., & Olthuis, J. V. (2009). Measuring identity from an Eriksonian perspective: Two sides of the same coin. *Journal of Personality Assessment*, 91, 143–154.
- Smetana, J.G., Campione-Barr, N., & Metzger, A. (2006). Adolescent development in interpersonal and societal contexts. *Annual Review of Psychology*, 57, 255-284.
- Stocker, C. M, Rhoades, G. K., & Richmond, M. K., (2007). Family emotional processes and adolescents' adjustment. *Social Development*, 16, 310-325.
- Sheeber, L., & Sorensen, E. (1998). Family relationships of depressed adolescents: A multimethod assessment. *Journal of Clinical Child Psychology*, 27, 268-277.
- Starr, L. R., & Davila, J. (2008). Differentiating interpersonal correlates of depressive symptoms and social anxiety in adolescence: Implications for models of comorbidity. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37, 337-349. doi:10.1080/15374410801955854.
- Teodoro, M. L., Land, B. R., & Allgayer, M. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do Inventário do Clima Familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11, 27-39.
- Vignoles, V. L., Schwartz, S. J., & Luyckx, K. (2011). Introduction: Toward an integrative view of identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.) (Coords.), *Handbook of identity theory and research* (pp.1-27). NewYork: Springer.
- Walsh, F. (1985). Social change, disequilibrium, and adaptation in developing countries: a Moroccan example. In J. Schwartzman (Ed.). *Families and other systems: The macrosystemic context of family therapy*, 244-259. New York: The Guilford Press.

Williams, K. L., Galliher, R. V. (2006). Predicting depression and self-esteem from social connectedness, support, and competence. *Journal Social Clinical Psychology*, 25, 855-874.

ANEXOS

Anexo I- Consentimento Informado

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias está a desenvolver um estudo sobre o desenvolvimento da identidade em adolescentes e jovens adultos. O estudo está sob a coordenação da Professora Doutora Ana Prioste.

Se tem entre 18 e 30 anos e pretender colaborar connosco, por favor, leia atentamente as informações abaixo:

QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS DO ESTUDO?

É um projecto de investigação que pretende descrever o impacto de factores pessoais e familiares no desenvolvimento da identidade.

SE ACEITAR PARTICIPAR, O QUE ME É PEDIDO?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 20 minutos.

QUAL A VANTAGEM DE PARTICIPAR?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

SOU OBRIGADO A PARTICIPAR?

A sua participação é voluntária. O preenchimento dos questionários poderá ser interrompido a qualquer momento.

QUEM TEM ACESSO AOS DADOS?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

SE PRECISAR DE MAIS INFORMAÇÕES, COM QUEM DEVO CONTACTAR?

Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaro ter tomado conhecimento dos objetivos do estudo e da participação que me é solicitada, **participando voluntariamente**. Concordo ainda que os dados sejam **trabalhados anónima e coletivamente** pelos investigadores responsáveis, no âmbito dos objectivos a que este estudo se dirige.

Rubrica: _____

Data: _____

Anexo II - Questionário de dados Sociodemográficos

DADOS PESSOAIS

Responda às próximas questões com os seus dados pessoais, por favor.

1. Género

☐ Masculino

☐ Feminino

2. Idade

_____ anos

3. Profissão (indique a actividade que exerce)

4. Situação relacional

☐ Casamento

☐ Separação

☐ Divórcio

☐ União de Facto / Coabitação

☐ Viuvez

☐ Namoro

☐ Não tem relação/Não se aplica

5. Nível de escolaridade

☐ 0-4 anos de escolaridade

☐ 4-6 anos de escolaridade

☐ 6-9 anos de escolaridade

☐ 10-12 anos de escolaridade

☐ Frequência universitária

☐ Ensino Superior

Se respondeu “Frequência universitária, diga, por favor, qual o curso que frequenta.

6. Zona de Residência Habitual

☐ Norte

☐ Algarve

☐ Centro

☐ Alentejo

☐ Grande Lisboa

☐ Açores

☐ Madeira

7. Religiosidade

☐ Crente praticante

☐ Crente não praticante

☐ Não crente

8. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico

☐ Nunca teve

☐ Teve no passado

☐ Tem actualmente

☐ Não sei

9. Com quem viveu durante a infância? _____

10. Com quem vive actualmente? _____

Anexo III - Escala de Desenvolvimento Identitário (DIDS)

Escala do Desenvolvimento Identitário

Em seguida encontram-se um conjunto de afirmações. Diga em que grau concorda com cada afirmação, utilizando a escala abaixo indicada. Por exemplo, se concorda fortemente com uma afirmação, assinale o número 5; se discordar fortemente com uma afirmação, assinale o número 1. Não há uma resposta correta. Não perca muito tempo com uma afirmação e responda a todos os itens.

1	2	3	4	5
Discordo fortemente	Discordo	Não concordo nem discordo	Concordo	Concordo fortemente
1. Decidi o caminho que vou seguir na minha vida.			1 2 3 4 5	
2. Tenho planos para o que vou fazer no futuro.			1 2 3 4 5	
3. Sei qual o caminho que vou seguir na minha vida.			1 2 3 4 5	
4. Tenho uma imagem sobre o que vou fazer no futuro.			1 2 3 4 5	
5. Fiz uma escolha sobre o que vou fazer com a minha vida.			1 2 3 4 5	
6. Penso activamente sobre os diferentes caminhos que posso seguir na minha vida.			1 2 3 4 5	
7. Penso nas diferentes coisas que poderei vir a fazer no futuro.			1 2 3 4 5	
8. Estou a ponderar sobre diferentes estilos de vida podem ser adequados para mim.			1 2 3 4 5	
9. Penso em diferentes objectivos que posso procurar alcançar.			1 2 3 4 5	
10. Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim.			1 2 3 4 5	
11. Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.			1 2 3 4 5	
12. Preocupo-me com o que quero fazer com o meu futuro.			1 2 3 4 5	
13. Estou continuamente à procura da direcção que quero tomar na minha vida.			1 2 3 4 5	
14. Estou continuamente a pensar que direcção a minha vida tem de tomar.			1 2 3 4 5	
15. É difícil para mim parar de pensar na direcção que quero seguir na minha vida.			1 2 3 4 5	
16. Os meus planos para o futuro coincidem com os meus verdadeiros interesses e valores.			1 2 3 4 5	
17. Os meus planos para o futuro dão-me auto-confiança.			1 2 3 4 5	
18. Graças aos meus planos para o futuro, sinto-me seguro/a acerca de mim próprio/a.			1 2 3 4 5	
19. Sinto que a direcção que quero tomar na minha vida será mesmo adequada a mim.			1 2 3 4 5	

20. Estou seguro/a de que os meus planos para o futuro são os certos para mim.	1	2	3	4	5
21. Penso nos planos para o futuro que já fiz.	1	2	3	4	5
22. Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.	1	2	3	4	5
23. Penso se os planos que tenho para a minha vida são realmente adequados para mim.	1	2	3	4	5
24. Procuo saber o que as outras pessoas pensam sobre a direção específica que decidi tomar na minha vida.	1	2	3	4	5
25. Penso se os meus planos para o futuro coincidem com o que realmente quero.	1	2	3	4	5

Anexo IV- Inventário de Sintomatologia Psicológica

BSI

L.R. Derogatis, 1993 (*Versão Portuguesa: M.C. Canavarro, 1995*)

A seguir, encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que, por vezes, as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma, marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior.	☐	☐	☐	☐	☐
2. Desmaios ou tonturas.	☐	☐	☐	☐	☐
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos.	☐	☐	☐	☐	☐
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas.	☐	☐	☐	☐	☐
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes.	☐	☐	☐	☐	☐
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente.	☐	☐	☐	☐	☐
7. Dores sobre o coração ou no peito.	☐	☐	☐	☐	☐
8. Medo na rua ou praças públicas.	☐	☐	☐	☐	☐
9. Pensamentos de acabar com a vida.	☐	☐	☐	☐	☐

10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
11. Perder o apetite.	☐	☐	☐	☐	☐
12. Ter um medo súbito sem razão para isso.	☐	☐	☐	☐	☐
13. Ter impulsos que não se podem controlar.	☐	☐	☐	☐	☐
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho.	☐	☐	☐	☐	☐
16. Sentir-se sozinho.	☐	☐	☐	☐	☐
17. Sentir-se triste.	☐	☐	☐	☐	☐
18. Não ter interesse por nada.	☐	☐	☐	☐	☐
19. Sentir-se atemorizado.	☐	☐	☐	☐	☐
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos.	☐	☐	☐	☐	☐
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si.	☐	☐	☐	☐	☐
22. Sentir-se inferior aos outros.	☐	☐	☐	☐	☐
23. Vontade de vomitar ou mal estar do estômago.	☐	☐	☐	☐	☐
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si.	☐	☐	☐	☐	☐

25. Dificuldade em adormecer.	☐	☐	☐	☐	☐

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz.	☐	☐	☐	☐	☐
27. Dificuldade em tomar decisões.	☐	☐	☐	☐	☐
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro.	☐	☐	☐	☐	☐
29. Sensação de que lhe falta o ar.	☐	☐	☐	☐	☐
30. Calafrios ou afrontamentos.	☐	☐	☐	☐	☐
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo.	☐	☐	☐	☐	☐
32. Sensação de vazio na cabeça.	☐	☐	☐	☐	☐
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo.	☐	☐	☐	☐	☐
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados.	☐	☐	☐	☐	☐
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro.	☐	☐	☐	☐	☐
36. Ter dificuldade em se concentrar.	☐	☐	☐	☐	☐
37. Falta de forças em partes do corpo.	☐	☐	☐	☐	☐

38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição.	☐	☐	☐	☐	☐
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer.	☐	☐	☐	☐	☐
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém.	☐	☐	☐	☐	☐
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas.	☐	☐	☐	☐	☐
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas.	☐	☐	☐	☐	☐
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias.	☐	☐	☐	☐	☐
44. Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa.	☐	☐	☐	☐	☐
45. Ter ataques de terror ou pânico.	☐	☐	☐	☐	☐
46. Entrar facilmente em discussão.	☐	☐	☐	☐	☐
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho.	☐	☐	☐	☐	☐
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades.	☐	☐	☐	☐	☐
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto.	☐	☐	☐	☐	☐
50. Sentir que não tem valor.	☐	☐	☐	☐	☐
51. A impressão de que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si.	☐	☐	☐	☐	☐
52. Ter sentimentos de culpa.	☐	☐	☐	☐	☐
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça.	☐	☐	☐	☐	☐

Anexo V- Escala de *Social Connectedness*-Revista (SCS -R)

SCS-R

(Lee, Draper & Lee, 2001; versão portuguesa Francisco, Crespo et al., 2011)

Em seguida encontra-se um conjunto de afirmações que reflectem as várias maneiras como nos vemos. Classifique o seu grau de concordância com cada afirmação utilizando a escala abaixo indicada. Não há uma resposta correcta. Não perca muito tempo com uma afirmação e responda a todos os itens.

Discordo Totalmente 1	Discordo 2	Discordo moderadamente 3	Concordo moderadamente 4	Concordo 5	Concordo Totalmente 6
1. Sinto-me confortável na presença de estranhos					
2. Estou sintonizado(a) com o mundo					
3. Mesmo entre os meus amigos, não há um sentimento de companheirismo					
4. Integro-me bem em situações novas					
5. Sinto-me próximo(a) das pessoas					
6. Sinto-me desligado(a) do mundo à minha volta					
7. Mesmo entre pessoas que conheço, não sinto que realmente pertença ali					
8. Vejo as pessoas como amigáveis e acessíveis					
9. Sinto-me como um estranho(a)					
10. Sinto-me compreendido(a) pelas pessoas que conheço					
11. Sinto-me distante das pessoas					
12. Sou capaz de me relacionar com os meus pares					
13. Tenho pouco sentido de união com os meus pares					
14. Dou por mim activamente envolvido(a) na vida das pessoas					

15. Dou por mim a perder um sentido de ligação à sociedade	1	2	3	4	5	6
16. Sou capaz de me ligar às outras pessoas	1	2	3	4	5	6
17. Vejo-me como um(a) solitário(a)	1	2	3	4	5	6
18. Não me sinto ligado(a) à maioria das pessoas	1	2	3	4	5	6
19. Sinto que os meus amigos são como família	1	2	3	4	5	6
20. Não me sinto ligado(a) a ninguém ou a nenhum grupo	1	2	3	4	5	6

Anexo VI- Inventário do Clima Familiar

Inventário do Clima Familiar

Este questionário aborda um tema sobre o qual todos nós temos muito a dizer: **a nossa família**. Gostaríamos de lhe pedir que pense sobre o(s) membro(s) da sua família e sobre a forma como eles, geralmente, se relacionam.

Abaixo estão algumas frases que descrevem situações e sentimentos que podem ou não ocorrer no dia-a-dia de qualquer família. Leia cada frase e responda se se aplica ou não à sua família, utilizando os seguintes números:

Discordo completamente	Discordo um pouco	Concordo mais ou menos	Concordo muito	Concordo completamente
1	2	3	4	5

Lembre-se de que **não** existem respostas certas ou erradas. Apenas pretendemos saber como as coisas têm estado na sua família **ultimamente**.

Na minha família...

Discordo completamente Discordo um pouco Concordo mais ou menos Concordo muito Concordo completamente

1. Procuramos ajudar as pessoas da nossa família quando percebemos que estão com problemas.	1	2	3	4	5
2. As proibições são constantes.	1	2	3	4	5
3. Uns mandam e outros obedecem.	1	2	3	4	5
4. As pessoas gozam umas com as outras.	1	2	3	4	5
5. Discute-se por qualquer coisa.	1	2	3	4	5
6. Algumas pessoas deixam de fazer as suas coisas para ajudar as outras pessoas da família.	1	2	3	4	5
7. Não importa a vontade da maioria, a decisão final é sempre da mesma pessoa.	1	2	3	4	5
8. As pessoas irritam-se umas às outras.	1	2	3	4	5

9. As pessoas gostam de passear e de fazer coisas juntas.	1	2	3	4	5
10. As pessoas resolvem os problemas discutindo.	1	2	3	4	5
11. As pessoas criticam-se umas às outras frequentemente.	1	2	3	4	5
12. Resolver problemas significa discussão e conflitos.	1	2	3	4	5
13. As pessoas tentam ajudar-se umas às outras quando as coisas não estão bem.	1	2	3	4	5

Discordo
completa-
mente

Discordo
um pouco

Concordo
mais ou
menos

Concordo
muito

Concordo
completa-
mente

Na minha família...

14. As pessoas gostam umas das outras.	1	2	3	4	5
15. Sinto que existe união entre os membros.	1	2	3	4	5
16. Os mais velhos mandam mais.	1	2	3	4	5
17. As pessoas sentem-se próximas umas das outras.	1	2	3	4	5
18. O(s) filho(s) tem(têm) pouco poder nas decisões familiares.	1	2	3	4	5
19. Temos prazer e alegria em passar tempo juntos.	1	2	3	4	5
20. Algumas pessoas resolvem os problemas de forma autoritária.	1	2	3	4	5
21. Ajudamo-nos financeiramente uns aos outros.	1	2	3	4	5
22. As pessoas ajudam-me a fazer as coisas quando não tenho tempo.	1	2	3	4	5